



REVISTA DE ESTUDOS EM ARTES CÊNICAS
E-ISSN 2358.6958

Medeia Negra (2018): corpo feminino que canta e grita

José Ramón Castillo
Cleiser Schenatto Langaro

Para citar este artigo:

CASTILLO, José Ramón; LANGARO, Cleiser Schenatto.
Medeia Negra (2018): corpo feminino que canta e grita.
Urdimento – Revista de Estudos em Artes Cênicas,
Florianópolis, v. 1, n. 50, abr. 2024.

 DOI: 10.5965/1414573101502024e0204

Este artigo passou pelo *Plagiarism Detection Software* | iThenticate



A Urdimento esta licenciada com: [Licença de Atribuição Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/) – (CC BY 4.0)

Medeia Negra (2018): corpo feminino que canta e grita¹José Ramón Castillo²Cleiser Schenatto Langaro³**Resumo**

Medeia Negra (2018) concebida e interpretada por Marcia Lima, em Salvador, Bahia, baseada na reescritura do mito grego, concede voz ao corpo feminino negro, apagado pela violência da colonização/escravidão, na invisibilidade do sistema penitenciário. Nesta versão ela cria uma personagem feita de frases, vivências e depoimento de mulheres privadas de liberdade. O objetivo deste estudo consiste em revisar os conceitos e dispositivos cênicos usados para representar esse corpo forçosamente silenciado, que retorna transformado em fragmentos de histórias, barulhos, gritos, espectros e canções.

Palavra-chave: Mito. Teatro. Corpo feminino negro.

Medeia Negra (2018): black female body that sings and screams**Abstract**

Medeia Negra (2018), conceived and performed by Marcia Lima, in Salvador, Bahia, based on the rewriting of the Greek myth, gives voice to the black female body, erased by the violence of colonization/slavery, in the invisibility of the penitentiary system. In this version she creates a character made up of phrases, experiences and testimony from women deprived of their freedom. The objective of this study is to review the concepts and scenic devices used to represent this forcibly silenced body, which returns transformed into fragments of stories, noises, screams, specters and songs.

Keyword: Myth. Theater. Black female body.

Medeia Negra (2018): cuerpo femenino negro que canta y grita**Resumen**

Medeia Negra (2018), concebida e interpretada por Marcia Lima, en Salvador, Bahía, a partir de la reescritura del mito griego, da voz al cuerpo femenino negro, silenciado por la violencia de la colonización/esclavitud, en la invisibilidad del sistema penitenciario. En esta versión crea un personaje compuesto por frases, vivencias y testimonios de mujeres privadas de su libertad. El objetivo de este estudio es revisar los conceptos y dispositivos escénicos utilizados para representar este cuerpo forzosamente silenciado, que regresa transformado en fragmentos de historias, ruidos, gritos, espectros y canciones.

Palabra clave: Mito. Teatro. Cuerpo femenino negro.

¹ Revisão ortográfica, gramatical e contextual do artigo realizada por Luciana Vedovato doutora em Letras Universidade Federal de Rio Grande do Sul, mestre em estudos da Linguagem Universidade Estadual de Londrina, graduação em Letras Faculdade Estadual de Ciências e Letras de Campo Mourão-PR.

 <http://lattes.cnpq.br/8763315059585223>

² Doutorando em Sociedade, Cultura e Fronteiras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE); bolsista CNPQ 2021-2023. Mestre em Literatura Comparada da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA) (Brasil). Mestre em Literatura Latino-americana e do Caribe da Universidad de Los Andes 2004 (Venezuela). Especialização em Relações Bilaterais Brasil-Paraguai na UNILA. Diretor de Teatro, dramaturgo e docente.  josecas99@gmail.com

 <http://lattes.cnpq.br/4700797169398024>  <https://orcid.org/0000-0001-9298-7073>

³ Doutorado em Letras – Linguagem e Sociedade pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Mestrado em Letras – Linguagem e Sociedade pela UNIOESTE. Graduação em Letras pela UNIOESTE. Professora da UNIOESTE curso de Letras e junto ao Programa de Pós-Graduação Sociedade, Cultura e Fronteiras.  cleiserschenatto@hotmail.com

 <http://lattes.cnpq.br/2455961417762465>  <https://orcid.org/0000-0003-4741-6006>

*Minha garganta...
Minha garganta está ferida
por meus gritos de lamento.
Lâminas cortam o tecido,
mas se perdem no vácuo dos ouvidos.*

Medeia Negra, 2020.
(Versão *online*)

*Medeia Negra*⁴ (2018) espetáculo teatral concebido e interpretado por Márcia Lima, em Salvador, Bahia (Brasil), sob direção de Tania Farias, revela o processo artístico de apropriação do mito trágico grego, escrito por Eurípides, e constrói a poética de um corpo feminino negro que se rebela e nasce de uma experiência de pesquisa artística da intérprete, a qual encontra um fio dramático e o coloca no centro de uma discussão epistêmica sobre as opressões contra o sujeito dentro do sistema carcerário. A montagem que vamos analisar foi apresentada em dois formatos, presencial e digital, as quais usam os dispositivos cênicos da performance, os rituais orixás e as canções para reconstruir a voz que foi forçosamente apagada.

Márcia Lima dialoga com o mito clássico a partir de aspectos da cultura afro-brasileira, problematiza a história de mulheres negras privadas de liberdade e instaura a crítica articulada às questões de gênero, raça e classe social. O espetáculo dialoga com as vivências da autora/atriz, principalmente no que se refere ao trabalho desenvolvido em oficinas de teatro no Conjunto Penal Feminino de Salvador. Com base na releitura dialógica do mito, entendemos que a voz que canta e grita também se apropria de diferentes ferramentas discursivas para obter visibilidade, assim nasce a *Medeia Negra* que se aprofunda nas questões culturais e históricas e de estrutura dramática e corporal, em meio à subjetividade caótica reverberada pelo corpo negro e outras implicações que estão relacionadas e problematizadas pela peça e estética de Tania Faria e Marcia Lima⁵.

⁴ *Medeia Negra* (2018) versão e adaptação de Marcia Lima, com direção de Tania Farias (Oi Nós Aqui Traveiz/RS), produção do Grupo Vila Vox, e assessoria dramática de Márcio Marciano (Coletivo de Teatro Alfenim/PB) e Daniel Arcades (Grupo NATA – Núcleo Afro-Brasileiro de Teatro de Alagoas/BA).

⁵ Aqui é preciso entender que a pesquisa se movimenta em primeiro lugar desde uma estética da rebelião, mas, o corpo da atriz desde suas mesmas pulsões age sobre os corpos dos espectadores, a versão para a que temos acesso é da transmissão de YouTube do ano 2020, no canal do SESC, que tem como contexto a



Corpos Negros no mito

A Medeia, na mitologia grega, é uma mulher que foi induzida a sair da Colquide e fugir com Jason a Corinto, onde será humilhada e isolada ante as decisões políticas. Posteriormente, às tensões dentro do reino cresceram e ela foi isolada e humilhada para que seu marido conseguisse o poder ao fazer uma aliança com o rei Creonte e casar-se com sua filha Cleusa. Medeia, como ato de vingança, assassina seus filhos e foge em direção ao Sol. Para entrar na versão da Medeia Negra é importante fazermos um percurso a partir da atualização deste mito e o processo de construção do sujeito nas suas relações dentro do contexto cultural, pois a versão de Márcia Lima é uma proposta epistemológica do corpo feminino negro para se posicionar contra o centro do poder.

O mito grego aparece em uma versão afrobrasileira para dar sustento a uma linha epistemológica que se constrói nas bordas do poder hegemônico, patriarcal, ocidental, pois coloca como motivo de discussão um corpo negro forçosamente silenciado pela violência histórica. Embora tenhamos uma longa jornada desde o ocidente, como indica Ocoró (2021), a polaridade do sujeito é marcada pela retórica do senhor/escravo proposta por Hegel e, neste caso, nosso intuito aqui é compreender melhor a questão:

Esta matriz epistémica hegemónica, desplaza, silencia y apaga otros sistemas de conocimiento y, en muchos casos, los combate con la pretensión de aniquilarlos para consolidar la dominación cultural de esos pueblos. La hegemonía de los conocimientos eurocéntricos se impuso junto al despojo y, en muchos casos, la aniquilación de otros modos de conocer y de habitar el mundo. El racismo epistémico impone la superioridad de una cultura sobre otra, al punto de asimilarla, negarla o suprimirla (Ocoró, 2021, p.27).

*Medeia Negra*⁶ mergulha nesta epistemologia da construção do sujeito, onde

pandemia do covid-19. <https://www.youtube.com/watch?v=ZbaAHwYdY2w&t=1822s>

⁶ Esta *Medeia Negra* 2020 foi transmitida no canal do *YouTube* do SESC São Paulo, tornando-se uma versão caseira, pandêmica e intimista de pontos altos selecionados pela própria Márcia Lima e desenvolvidos em sua própria casa. Segue o *link* da peça transmitida dia 02 set. 2020 <https://www.youtube.com/watch?v=ZbaAHwYdY2w>

o mito passa pelo corpo e se desenvolve agressivamente desde a performance. Para problematizar isso, vamos fazer uma comparativa entre o mito grego e a leitura que estamos seguindo. Em Eurípides, Creonte, com grande repulsão, permite que Medeia viva no palácio próximo aos seus filhos sob a condição de ser prisioneira e de não sair nunca. Para Marcia Lima, ela é representada pela mulher negra, atualmente encarcerada, sepultada viva em total silêncio, sem direito a julgamento, o que permite que o mito em diálogo com as questões que envolvem os corpos de mulheres negras nas prisões, crie novas imagens em novos espaços-tempos.

O trabalho teatral de Márcia Lima é resultado de uma série de ações desenvolvidas entre 2016 e 2018 com o Coletivo Corpos Indóceis e Mentis Livres do Conjunto Penal Feminino de Salvador, coordenado pela Dra. Denise Carrascosa, da Universidade Federal da Bahia. Esta produção cresce com esse corpo polifônico, resultado do processo criativo da peça, a qual foi baseada em exercícios poéticos com mulheres negras que expõem sua voz⁷.

Na saída, perguntei à Márcia Lima – uma das atrizes pretas mais potentes que já vi em cena: “Você faz este texto, Irmã?” Ela só me respondeu: “Faço, Deni.” Márcia levou a carta para casa e fez silêncio sobre ela até o dia da performance. Até aquele dia, os textos poéticos, dramáticos e narrativos que havíamos lido no curso dispunham nossos corpos neste liame entre vida e arte de que nos falam na academia. O meu exercício de professora ali, assim como na universidade, sempre foi aproximar texto artístico de realidade, literatura de vida; rasgar a cortina manicomial que separa esses espaços. Tentar desaprender junto com elas o gesto interpretativo cirúrgico, frio e dispensável, que nunca levou a humanidade a lugar algum. Atraí-me sempre a temperatura ensolarada, que pode fazer brilhar o que de mais vivo existe em nós (Carrascosa, 2018 p.30-31).

Medeia Negra forma uma episteme que continua reverberando, ao colocar no centro de interesse esses corpos que falam desde o isolamento forçado em um contexto que se torna violento historicamente. Como referência, podemos dizer que, de acordo com Carrascosa, mais de setenta e cinco por cento das mulheres detidas na prisão de Salvador, Bahia (2020, minuto 05:17 a 09:04) são negras e muitas continuam na espera da sentença. Essa informação evidencia a condição social, histórica e cultural envolvendo mulheres negras e seus corpos atravessados

⁷ Os dados do superencarceramento podem ser revisados nesta palestra "A Mulher Negra e o Superencarceramento no Brasil Contemporâneo" da Dra. Carrascosa no VIII Seminário Nacional do IBADPP de 2020. <https://www.youtube.com/watch?v=UYQ3AdZrUgo> Acesso em: 08 ago. 2023



por diversas formas de violência e pela questão étnica e condição de classe. Denise Rocha nos indica que sobre esse tema do superencarceramento feminino no Brasil as cifras são ainda mais preocupantes, pois:

A população prisional feminina era de 37,8 mil mulheres e 64% das detentas eram negras. Cerca de 40% eram prisões provisórias e 75,34% cometeram crimes sem violências. No total, havia 47, 3% de mulheres jovens (entre 18 e 29 anos), 51,9% teriam o ensino fundamental incompleto, 60,1% solteiras (Rocha, 2021 p.127).

Diante desse contexto de violência, Márcia Lima trilha um caminho para movimentar o corpo da Medeia rumo a uma proposta na qual não são os filhos que passam pelo sacrifício, mas é ela mesma quem se sacrifica. Esse corpo feminino negro torna-se uma mulher que mergulha nas crenças de sua cultura de Orixá, expõe sua apropriação cultural e desenvolve um discurso político que responde na mesma medida em que é atacada. Ressalte-se que o espetáculo que estamos estudando é de setembro de 2020, transmitido pelo SESC São Paulo, em meio a uma confusão coletiva (política e sanitária), que coincide com o racismo e a violência no Brasil, onde os números das agressões domésticas aumentaram devido à pandemia, além disso, milhares de trabalhadores foram obrigados a se expor ao vírus sob ameaças de perda do emprego, “Si bien la crisis afecta a toda la fuerza de trabajo, la situación de los trabajadores informales de ambos sexos, y especialmente la de las mujeres y las personas jóvenes, indígenas, afrodescendientes y migrantes, constituye un fuerte núcleo de vulnerabilidad” (CEPAL, 2020 p.10).

O mito se transforma em uma ferramenta estética que leva a unificação de símbolos, desde as referências dos personagens próprios, colocados nas imagens apresentadas na cena. Um corpo que respira e que fala sem parar no meio de uma grande composição musical, nos leva a pensar que esse imaginário é dinâmico. Com certeza, a obra, poderá se atualizar e se renovar permitindo que se movimente em três aspectos que são evidentes: 1) primeiro, apropriação da tragédia grega no teatro negro, baseado na ancestralidade e na tradição que procura o passado africano e o posterior sincretismo cultural no continente americano; 2) responde com as performances e as canções que criam uma conexão do contexto cultural, especificamente em Salvador, Bahia; e 3) uso dos rituais ancestrais, que



a Medeia Negra desenvolve desde a primeira cena.

O que vejo nos vastos confins desta terra, entre florestas catingas e cerrados, os mesmos sem eira, esfolados. Entre os quais as mesmas mulheres de corpos surrados, batidos, marcados, feitos. Manadas de feras domadas (Medeia Negra, 2020, minuto 42.03 a 42.45).

Nesta versão afrodescendente do mito a história não implica a inversão arbitrária dos elementos conceituais, senão que nos coloca no ponto mais forte, a visão dos personagens. Assim, o corpo como dinamizador simbólico se apropria dos espaços e das linhas dramáticas para criar um sistema complexo de *artificalização* (Mangieri, 2020) da cena, converte-se em uma nova referência semiótica desde as percepções da violência. A *Medeia Negra* nasce desde a carta que as mulheres negras, internas no Centro Penitenciário de Salvador, Bahia, escrevem como exercício literário, mas essa informação regressa como uma ferramenta que transforma o corpo original do mito em um corpo urbano dentro de outro contexto cultural, que agora não precisa demonstrar uma orientação fiel dentro da narrativa grega, senão que se adapta para uma nova configuração trágica desde os corpos negros.

Resulta importante definir essa *artificalização* em um corpo negro, porque cria a proposta conceitual de reclamação, de vozes que se expandem e que procuram uma resposta desde outros sistemas culturais que possam nos referenciar.⁸

O corpo negro conserva um cruzamento evidente do espaço no qual habita, e a pesquisadora coloca toda sua percepção para tentar organizar os corpos na escrita e na cena para fornecer uma versão individual. Neste caso, pode ser um risco ao criar um novo contexto poético que se distancia da testemunha inicial, mas é um dos riscos da criação artística. Para Denise Carrascosa (2018) a

⁸ A artificialização é uma categoria que fornece Rocco Mangieri (2021), baseado nos contextos do movimento de protesto social norte-americano, de 2020, "I Cant Breath", que emergiu com a morte violenta de George Floyd por uma ação da polícia de Minnesota. No período da pandemia os corpos negros decidem não falar, e criam uma série de protestos que paralisam o país. Artificialização se entende como a ação de colocar um joelho no chão e cobrir com a mão a boca para evidenciar o descontento e exigir justiça, além disso, teremos duas percepções da performance. Primeiro a impossibilidade de falar ante a força do estado, que nesse momento coloca como justificativa a pandemia e impede as manifestações organizadas, mas também a imagem de obstaculizar a boca representa a asfixia transmitida pela mídia quando George Floyd foi assassinado em uma rua pelos agentes policiais. Na segunda percepção simbólica, a máscara se adapta para uma nova forma de reclamação, que agora não será usada como elemento médico de proteção contra a pandemia, senão que se torna uma ferramenta de protesto e cada grupo que aparece na rua cria sua própria marca para estabelecer uma apropriação de território e de causa coletiva.

manipulação desta informação foi de grande importância, pois Marcia Lima, ao experimentar com os discursos que estavam dentro das cartas, elabora um segundo discurso onde se gera um panorama de corpos negros, de mulheres encarceradas que são discriminadas e as adapta para suas vivências como artista, ressignificando seu próprio corpo.

Medeia não será agora só uma Medeia clássica e isolada, senão que fala desde diversas Medeias que “artificam” seus discursos para fortalecer sua posição e criar um novo mundo negro onde ela pode existir no centro. De acordo com Adela Aparecida de Silva Carvalho (2015), esse processo de deslocamento do centro conceitual de um mito responde a um conjunto de apropriações que resultam de movimentos ativistas originados desde as mesmas bases do teatro negro brasileiro, com antecedentes de muitas medeias desde o século passado.

O teatro negro vai se apropriar da herança do teatro tradicional africano e grego através da relação com a repetição configurada tanto no caráter ritual quanto no caráter espetacular (já que o teatro guarda esse caráter de uma arte da repetição), auxiliando o processo de identificação do indivíduo negro (Carvalho, 2015 p.21).

Aqui podemos nos referir à exposição sobre racismo estrutural que propõe Roberto Borges (2020, min.16:35 a 19:38), onde reflete sobre a temporalidade da proposta de uma episteme negra e coloca obras específicas como, por exemplo, o filme do diretor carioca, Zózimo Bubul, *Alma no Olho*, com data de 1977⁹, e que, apesar de ser interpretado por um homem negro, o corpo do ator se degrada em laços, evidenciando o isolamento e a discriminação. Temos que mencionar também outros artistas que trabalharam na temática, como o Teatro Experimental do Negro (TEN), fundado por Abdias Nascimento, em 1944, que revê esse imaginário do sujeito negro, conduzindo toda uma proposta de adaptação de clássicos ocidentais atravessados pelos Orixás, além das opressões culturais sofridas pelas comunidades afrodescendentes do norte do Brasil que se espalham por todo o território nacional.

⁹ Vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PFDBtH7AHWo>

É importante ressaltar que temos como referentes¹⁰ que no ano 2021 a Companhia de Teatro Projeto Gompa, de Porto Alegre, apresenta o espetáculo *A Última Mulher Negra*, que faz uma revisão dessa epistemologia do sujeito negro a partir do livro *O Genocídio do Negro Brasileiro: Processo de um Racismo Mascarado* (1978), além de somar neste inventário a Companhia O Bonde de São Paulo, com o espetáculo *Desfazenda – Me enterrem fora desse lugar*¹¹, de 2022, com dramaturgia de Lucas Moura e sob a direção de Roberta Estrela D’Alva, trabalho baseado no texto *Como criar um corpo negro sem órgãos*, do mesmo autor.

A fundamentação epistêmica deste corpo negro, conforme Anny Ocoró Loango (2020), aborda sobre a discussão e a necessidade urgente de gerar uma episteme que coloque em disputa a construção do novo sujeito latino-americano, para isso é essencial entender o universo polifônico onde nasce o Racismo Estrutural, abordagem reforçada por Djamila Ribeiro (2019), que indica que os corpos se rebelam automaticamente e levam, na maioria das vezes, a uma violência ainda mais desenfreada.

Para chegar a esse ponto é preciso rever a *Crítica da Razão Negra* (2016), de Achille Mbembe, a qual nos permite ver uma oposição de centros de poder, onde o olhar para a África e, portanto, seus descendentes na América, conduz às margens, esse contexto nos permite reconfigurar o corpo como espaço de diálogo.

Aún hoy, cuando se trata de África y del negro, la palabra no siempre representa la cosa; lo verdadero y lo falso se vuelven inextricables entre sí y la significación del signo no siempre se adecua a la cosa significada. El signo no solamente reemplaza a la cosa: a menudo, la palabra o la imagen tienen poco que decir con respecto al mundo objetivo (Mbembe, 2016 p.40).

Com a intensificação do fascismo em alguns países da América Latina, principalmente nos últimos cinco anos, além das medidas de controle populacional, o que se justificou com a chegada da Covid-19, houve um aumento nos casos de discriminação estatal em 2020, atos violentos contra as mulheres

¹⁰ As experiências mencionadas aqui são usadas como ilustração e exemplo, não se busca discriminar o universo de artistas que criaram e seguem criando o movimento do Teatro Negro no Brasil.

¹¹ Espetáculo que assistimos o dia 01 de abril de 2023 no Teatro Sesc da Esquina dentro do Festival de Teatro de Curitiba 2023.

foram intensificados e justificados. Durante a pandemia muitas mulheres foram alvo de agressões constantes, para além da catástrofe sanitária somou-se o descaso do Estado que deixou milhares de quilombolas sem ajuda e, principalmente, apoio à população negra - mulheres mães, em sua maioria da região norte do Brasil¹² (Gomes, 2020, min 50.14).

Márcia Lima, em *Medeia Negra*, usa seu corpo para mostrar esse fenômeno de violência que aumentou com a pandemia, mas já consolidado na mídia oficial e governamental. Por isso reiteramos que o corpo é a ferramenta que dá suporte para ela, traz as vozes desse grupo de mulheres isoladas com quem trabalhou por mais de três anos, onde o silêncio involuntário e a violência física se tornam evidentes.

E acho que *Medeia Negra* é a história de muitos encontros da Márcia. Da Márcia, mulher negra, mulher de teatro, de grupo. Foi encontrando o feminismo negro, e a Márcia e as suas questões e foi se desconstruindo, se construindo, se desconstruindo, se construindo (Tania Farias, 2021, min. 10.50 a 11.13).¹³

No Brasil contrapõem-se exponencialmente os direitos das comunidades quilombolas, as quais estão sendo deslocadas, como parte de uma clara política de discriminação estatal, é aí que a *Medeia Negra* entra em conflito com seu corpo açoitado, prefere não ter mais filhos, pois isso seria procriar mais vítimas para o Estado. Em um ato de agressão contra si mesma, nega-se e condena-se em uma frase contundente na primeira parte da montagem “prefiro matar meus filhos antes de virar policial” (*Medeia Negra*, 2020). Márcia Lima buscou um espaço para expor a experiência de mulheres negras em meio a uma prisão em que foram completamente ofuscadas e, por isso, *Medeia Negra* é um corpo que respira, vive e ocupa seu espaço com força.

O mito de *Medeia* *em diálogo com a história e a cultura afrodescendente* permite que esse corpo, originalmente libertado pelo assassinato de seus filhos como vingança, sofra uma interessante virada simbólica, pois normalmente é

¹² Palestra online da Dra. Nilma Gomes da UFMG. 28 de agosto de 2020. Minuto 50:14 e seguintes <https://www.youtube.com/watch?v=pWlATimJ0cQ> Acesso em: 30 jul. 2023.

¹³ Desmontagem *Medeia Negra* 9 de abr. de 2021 SESC Pompeia <https://www.youtube.com/watch?v=LPj5VtV81jE&t=1620s> Acesso em: 10 ago. 2023

repetitivo em versões recentes, em diferentes contextos culturais¹⁴. Para Márcia Lima, o ato violento reside na negação da própria personagem, como resistência, então, cresce como uma grande onda polifônica de vozes que são as de seus protagonistas, ou seja, os depoimentos e a força desses corpos femininos negros que exasperam e exorbitam a maternidade, a proteção, a defesa e a flagelação. Trabalhar com Medeia sempre nos leva a analisar as formas de agressão, já que ela nasce em meio a ambientes hostis. Podemos voltar a Nilma Gomes (2020) que faz um estudo sobre comunidades negras no Brasil e indica que estão sujeitas a dois grandes blocos que as discriminam: um, o descaso social, onde não há direito à educação ou segurança, e dois: a negação de um sistema de saúde que abranja a maioria dos habitantes da periferia.

Ao revisarmos esses dois pontos, certamente aparecerão muitos outros, consideramos necessário enfatizar que na discussão percebe-se o descaso social e a rejeição imediata por parte da comunidade vitimizada, o que obriga a transbordar pelas margens e gerar um corpo coletivo constantemente fragmentado e fraturado. Medeia Negra entra nesse discurso do imaginário do corpo feminino negro e é sua forma de se rebelar contra o opressor.

Corpos Femininos

A violência e o desespero da Medeia Negra é uma forma de demonstrar que faltam alternativas para rever e denunciar com os corpos. O que chama a atenção nessa versão é que o corpo é representado em fragmentos como forma de narrativa, em três grandes blocos: primeiro, onde se questiona a existência da mulher, como uma grande provocação; segundo, denuncia a violência contra a mulher negra, e por último um convite à desconstrução do patriarcado, representado pelo estado.

¹⁴ Em 2015, José Ramón Castillo escreveu e dirigiu “Medea...” para o Comité de las Artes de Chihuahua (México) com María Sánchez, trabalhando e revisitando o mito para conecta-lo com as mulheres das maquiladoras na fronteira Estados Unidos-México. O resultado foi uma proposta de mulheres que se anulam para que seus filhos não ousem seguir os mesmos caminhos, algo que na versão dramaturgica ela os liberta à força. Da mesma forma, outras versões sempre tentam renovar Medeia, que se emancipa de seus filhos para não cair no seu próprio destino. Informação da montagem <https://tramoyam.blogspot.com/2016/06/medea-adaptada-y-dirigida-por-jel.html>



Começamos pelo primeiro dos aspetos, o questionamento da existência da mulher, sendo a procura da voz do corpo feminino. No meio do apagamento sistemático ela gera uma série de ações para manter a presença, é uma forma de criar um mito matriarcal que fortalece sua ação com a palavra. Depois encontramos a denúncia contra a mulher negra, ancorada nas formas como as vozes das Medeias¹⁵ do presídio vão se evidenciando em um trabalho intertextual de pesquisa e dramaturgia, o que nos deixa como manifesto que é um personagem polifônico, não linear.

Está consumado. Encerro aqui, no mangue da ancestral anciã, o ciclo maldito do amor, três vezes maldito. Inscrevo no tempo o meu nome. Medeia, com o sangue da minha linhagem. Filicida dirão, assassina da própria cria. Ato supremo da negação. A sombra do milenar baobá replanta a semente mal semeada. Enterro aqui a carne de minha carne face contra face, abraçados no beijo amargo da morte. Salvador, 2 de setembro de 2020 (Medeia Negra, 2020, min. 3.50 a 4.49).

Esse ponto inicia com a carta que devem escrever para Medeia, as participantes da oficina de arte, dentro do Conjunto Penal Feminino de Salvador, o que representa o peso orgânico desse corpo que se estende desde a forma gramatical, mas o que contém é uma vivência altamente maltratada. Uma necessidade de escrita, de expor o sentido de convivência, criando uma forma de interpretação do contexto, será essa função da escrita que o corpo vira em linhas e letras, palavras que descrevem um universo, descrevendo desde o interior de cada sujeito as condições pelas quais são silenciadas. Essa mulher negra fala desde a carta escrita, leva consigo uma carga emocional que se alimenta de pensamentos, de frustrações, com necessidade de ser ouvida. Essa escrita evidencia o complexo pensamento de cada uma das participantes.

O conceito de feminismo negro é a estratégia de libertação desses corpos aprisionados, muitas vozes que estão dentro de cada um dos sujeitos que visam a destruição do patriarcado, seguindo a sequência mitológica, coloca a morte simbólica do homem patriarcal. Medeia coloca a mulher como centro de

¹⁵ Uma alternativa de enumerar as Medeias pode ser o inventário de Denise Rocha que resulta esclarecedor para próximas pesquisas: “Além do rio (Medeia) (1957), de Agostinho Olavo; Gota d’água (1975), de Chico Buarque e Paulo Pontes; Medea en promenade (2012), de Clara de Góes; Mata teu pai (2017), de Grace Passô; Curra Temperos sobre Medeia (2018), de Cleiton Pereira; Medea Mina Jeje (2018), de Rudinei Borges dos Santos; e Medeia Negra (2018), de Márcio Marciano e Daniel Arcades”. (Rocha, 2021 p.219)

discussão, como mito matriarcal que termina com um fato de vingança, punindo o corpo masculino desde o discurso do poder, arrebatando a descendência dos filhos que seriam sua extensão, deixando sem efeito um corpo que será amputado desde o emocional e o simbólico.

O que importa? Agora, me entrego à suprema negação. Quando me julgaram vítima, não quis perdoar os erros por mim cometidos. Quando me julgaram a voz, não quis desmerecer os meus acertos. Quando me acusaram de bárbara, não recusei a diferença. Saíram em minha defesa, mas desdenhei das belas intenções. O que importa é que meu corpo negro me afirmar e me nega como um palimpsesto. Nele apago minhas dores para reescrever na pele um novo canto de prazeres (Medeia Negra, 2020, min. 18.59 a 19:49).

No mito da Medeia, além de ser a executora de um assassinato funesto, também é uma voz que ainda se autoflagela e gera consequências maiores para aqueles que a encerram. Seguindo a linha dramática de Eurípides encontramos que a Medeia, ao executar o assassinato dos filhos, logra sair de Corinto em direção a Tebas¹⁶.

Na Medeia de Márcia Lima os dispositivos cênicos se baseiam em rituais orixás que se deslocam e ressignificam, interpretados desde o início com a frase “está consumado”, gerando um ambiente que o corpo se posiciona em um significado anacrônico, onde os textos se interpretam como um caos sequencial, num sentido de unidade. As formas de fratura do texto são um dos principais pontos a revisar, pois são vozes de alguém, essa mulher negra que estava encarcerada, que escreveu a carta para Medeia, foi levada para o palco e, como tal, aparece de maneira aleatória, dramaturgicamente, mas essa espécie de polifonia cria a composição total do discurso. Para Iris M. Zavala (2011) a fragmentação dos discursos na arte, representa esse corpo que além de ser abjeto¹⁷, precisa de uma compreensão em conjunto, porque cada fragmento vai se

¹⁶ Segundo Robert Graves a Medeia do mito grego, seria levada para Tebas onde seria perdoada pela deusa Hera. “Medeia fugiu primeiro para Tebas, atrás de Hércules, que lhe havia prometido ampará-la caso Jasão alguma vez se revelasse infiel; lá ela o curou da loucura que o fizera matar seus filhos. Não obstante, os tebanos não lhe permitiram fixar residência entre eles por haver matado Creonte, seu rei. (Graves, 2018 p.1001)

¹⁷ Para Julia Kristeva (1989) a categoria do corpo abjeto, é aquele que se evidencia desde os fragmentos, permitindo que os centros do discurso se desloquem para as bordas, que podem ser encontrados nas propostas estéticas de uma obra, como, por exemplo, deixar páginas em branco, romper as linhas sem normas ortográficas ou gramaticais, além de mostrar ou descrever imagens de fragmentos de corpos, fluídos como sangue, sêmen, fezes, suor, saliva, além de ferramentas literárias como vozes que falam desde a escuridão, ruídos, polifonia onde um personagem faz as vozes de muitos personagens.



relacionando como espécies de eixos que gravitam de maneira independente, mas estão conectados uns ao outros.

Uma das formas mais interessantes são as características de uma narrativa não linear para abrir um fio narrativo em constante movimento, tão dinâmico que obriga o espectador ou leitor a colocar cada peça dentro de cada significante do que está sendo proposta, assim a “carta” que foi escrita inicialmente por muitas vozes é levada para a cena em uma composição coral executada somente por uma atriz.

Sevícia, violência, estupro e morte

O que vejo no chão das fábricas, nas praças de comércio
Nas filas dos hospitais dos coletivos sempre lotados
O mesmo contingente de miseráveis
Com sua proporção de mulheres
Duas vezes miseráveis

Sevícia, violência, estupro e morte

O que vejo nos becos e sarjetas
Das metrópoles atormentadas
Fantasmas do vício e da fome
Entre tantas mulheres perdidas

Sevícia Violência Estupro

Entre tantas mulheres perdidas

Sevícia... Violência... Estupro e morte (Medeia Negra, 2020, min. 15.45 a 17.50)

Como centro do discurso essa canção cria um espaço ainda mais complexo que marca a grande confrontação de Medeia com ela mesma, em uma revisão dialógica que questiona de novo a reivindicação de um corpo feminino negro e coloca no primeiro plano as vozes silenciadas, deixando livre o corpo que fala desde si, e anula o discurso do opressor. Poderíamos dizer que ela está se posicionando e se coloca como executora de um barulho que desemboca na sua libertação.

Segundo Iris M. Zavala (2011, p.410) “las posiciones del sujeto están socialmente orientadas con el propósito de interlegitimar su propia 'narrativa' de emancipación política, intelectual y social”, onde a necessidade de fragmentar o

discurso recai na forma como o sujeito está sendo enfrentado pelo contexto e cria a polifonia que se interpreta em uma contradição de normas de ética e política, as quais são impostas verticalmente por um conjunto cultural. O corpo, submetido a essa opressão, se manifesta com os elementos recorrentes no seu trânsito cotidiano, conseguindo focalizar essas fraturas, além de colocar em diálogo cada uma das partes para emergir em um novo corpo complexo, que no caso da Medeia será esse que se liga ao feminismo negro.

Não pretendemos falar sobre o feminismo negro¹⁸, mas as vozes colocadas no corpo da Medeia podem nos ajudar a entender que a faceta epistemológica deste tema está aberta e que permite a interpretação de elementos específicos que violentam a cena.

Num único ato, entrego à morte o presente de meus dias. Num único ato, destruo o passado para enterrar o futuro que me impuseram, mas que não aceito. Num único ato, entrego à morte a prole que não mais reconheço, a parte que renego das minhas entranhas. No único ato destruo o passado para enterrar o futuro que me representa. É imperioso.... Não sucumbir.... Ao olhar inocente.... De minhas crias... Como fazê-las compreender o impossível, como deixá-las aprender o inominável, como excitá-las a alcançar... O inatingível (Medeia Negra, 2020, min. 23:13 a 23:55).

Essa significância do dispositivo cênico do filicídio como protesto à violência é o que nos indica Denise Rocha (2021), que revela a Medeia Negra dentro do discurso feminista em duas direções, uma, as mulheres que trabalharam com a Marcia Lima no Centro Penitenciário são em si mesmas a base conceitual, elas desenvolvem relatos biográficos e autobiográficos, carregando um discurso onde o centro se define como uma “desgraça”, já que estão encarceradas, o que nos permite seguir o fio de uma origem visceral destas cartas. Em segundo lugar, a organização discursiva que se opõe ao patriarcado como único centro de poder e desloca seu imaginário para os corpos negros que falam, sustentada nas testemunhas dentro do centro penitenciário, assim a palavra e o corpo ficam em

¹⁸ Para abrir a discussão sobre as bases conceituais do feminismo negro sugerimos revisar o trabalho de Leila Gonzales que além de se posicionar em um marco referencial da referência econômica de trabalho das mulheres, plantea que existe uma clara perspectiva cultural no Brasil: “O que se opera no Brasil não é apenas uma discriminação efetiva; em termos de representações sociais mentais que se reforçam e se reproduzem de diferentes maneiras, o que se observa é um racismo cultural que leva, tanto algozes como vítimas, a considerarem natural o fato de a mulher em geral e a negra em particular desempenharem papéis sociais desvalorizados em termos de população economicamente ativa”. (Gonzales, 2020, p.35)



primeiro plano e conseguem ser escutadas.

Medeia, o corpo que canta e grita

Marcia Lima, com ajuda de Tania Farias, desenvolve uma Medeia que questiona um espaço violento, onde ela tenta salvar seus filhos de um destino que será o mesmo frente aos corpos que a oprimem, decidindo matá-los deixando em evidência que mais que uma ação desesperada é um ato de rebeldia. Assim, os corpos atuais desterrados da Colquida podem regressar para construir um mundo matriarcal. Marcia lembra e se aproxima do discurso da negritude de Aimé Césaire, que abarca a anulação do contexto do opressor branco, por essa razão Medeia corre para liberar seus filhos com a morte, aparecendo o discurso da polaridade que reconstrói com uma nova estrutura cultural, colocando a voz dos corpos negros no centro da atenção¹⁹.

Por isso, conclamo, neste último pedido, nesta conjuração de potência, nesta invocação dos instintos e da paixão, para que razão e natureza se convertam na mesma vertigem. Que um coro de mulheres, vitimadas como eu, usem suas vozes como lanças contra os verdadeiros bárbaros usurpadores, estúpidos e enfrenes, incapazes de amar. Levanta. Ergue-se a prole. Alimenta com leite do teu peito. Goza quando quiseres. Inunda o mundo. Faz o teu dilúvio, mulher. Só quem pode renovar o mundo com dilúvio é você. Usa a lama para criar novos humanos. Usa os ventos para espalhar tuas histórias. Usem as águas para purificar os novos corpos de vítimas e algozes.

Usem as folhas para curar as feridas (*Medeia Negra*, 2020, min. 28:38 a 30:26).

Aqui não abordaremos as questões do discurso da Medeia, pois já Marcia confere a dimensão dos corpos presos. Medeia duvida de sua própria existência, seu corpo feminino deslocado do centro, reagindo em um discurso agressivo, que deixa em evidência o conteúdo simbólico reescrito em cada uma das frases que vai desenrolando na obra. Vazios e silêncios das pausas, músicas e barulhos das cerâmicas e ruídos de metais permitem transparentar as formas como emergem

¹⁹ O que Aimé Césaire chama de negritude está conectado com as rebeliões caribenhas, onde os personagens das obras são tão violentos em uma quanto os motivos que os colocaram nessa situação, deixando eles fazer um discurso que destrói tudo o contexto para criar uma nova estrutura de convivência cultural, sempre anulando ao opressor colonialista. Importante revisar os seguintes trabalhos: *Et les chiens se taisaient*, ou *Une tempête*.



os corpos que cantam e gritam dentro do imaginário da artista, como reflexo do processo vivenciado dentro do centro penitenciário.²⁰

Medeia Negra se coloca no centro de uma linha cultural, em uma relação dialética consigo mesma, sendo uma visão particular onde Marcia Lima expõe os discursos das mulheres negras do presídio e se expande em diferentes sistemas culturais, não só desde a capacidade de criar uma poética desde o palco, senão, que se apoia na internet para fazer uma série de transmissões e permitir que as Medeias e suas vozes se coloquem em diferentes circuitos culturais. Aqui podemos falar das possibilidades do corpo expandido, que usa a internet para mandar as pulsões de seus significantes e permitir a eles chegarem a outras dimensões culturais. Por exemplo, a obra que estamos estudando foi transmitida no dia 02 de setembro de 2020, no canal do SESC, o que nos permite perceber que o corpo da Medeia Negra transitou entre a presencialidade e a proximidade teatral com inúmeros usuários que se ligaram para interagir com a proposta cênica desde diferentes regiões do Brasil²¹.

A voz e o discurso da Medeia Negra

Grada Kilomba indica que a fala abre uma ferramenta epistemológica que adentra nos conflitos coletivos, neste caso de Marcia Lima que se liga com os corpos das mulheres encarceradas, fornece um espaço para debater, permitindo introduzir e questionar os conceitos de separação e de periferia: “Alguém pode falar (somente) quando sua voz é ouvida. Nessa dialética, aquelas/es que são ouvidas/os são também aquelas/es que ‘pertencem’. E aqueles/as que não são ouvidas/os se tornam aquelas/es que ‘não pertencem’” (Kilomba, 2019, p.42-43). Os discursos não podem ser estudados desde o binário, segundo Kilomba, já estariam castrados desde o pensamento e negam a existência do outro.

²⁰ Desmontagem Medeia Negra 9 de abr. de 2021 SESC Pompeia <https://www.youtube.com/watch?v=LPi5VtV81jE&t=1620s> Acesso em: 10 ago. 2023.

²¹ Para acrescentar sobre a temática sugerimos ler: Gustavo Geirola. “Teatro: vida, sentidos y presencialidad: Conjeturas a propósito de la pandemia”. *Argus-a Artes y Humanidades/Arts & Humanities*, vol. XI, no. 42, 2021, pp. 1-31. <https://www.argus-a.com/publicacion/1607-teatro-vida-sentidos-y-presencialidad-conjeturas-a-proposito>.

A voz que permaneceu calada agora posiciona seu discurso como um barulho que se expande em uma onda violenta que coexiste com o opressor, enquanto usa a mesma língua para atacar e para visibilizar, deixando aberta essa nova voz que se refugia nas margens do seu próprio contexto como são os costumes, a religiosidade, maioritariamente desde os Orixás, as manifestações literárias (hip-hop, poesias, contos de retorno para África) ou dos sonhos de uma vida baseada na quilombola e a “favelização” da cultura. Assim, a mulher está aberta para construir(se) como sujeito que sustenta formas discursivas, e que vai permitir o nascimento de uma Medeia que não deixa acontecer como normal a discriminação, então, será desde o uso da língua que consolida seu corpo de mulher negra.

Mas com vocês, eu me faço coro. Eu me sinto coro. E mesmo rouca, eu observo a facilidade. E vejo... vejo o medo no rumo das nossas histórias. Vejo receio de como ficaremos agora. Vejo que o patriarcado sabe quem somos nós. Sabemos nós? Sabemos nós? Levanta. Levanta, mulher. Levanta. Levanta, mulher. Levanta. Levanta, mulher. Levanta. Como o patriarcado é assim. Se conseguir, mulher, converse. Se não der, Mate! (*Medeia Negra*, 2020, min. 30.53 a 31.49).

A visão polifônica que está dentro da Medeia é a construção da poética que evidencia pegadas e cicatrizes de um sistema judiciário que não possui respostas claras ante a superpopulação de presas, ansiedade ante os vazios legais e, como indica Carrascosa (2020), são mulheres sentenciadas em múltiplos sentidos. Medeia é uma experiência como artista-pesquisadora, de Marcia Lima, em contato com os testemunhos das mulheres isoladas que escrevem fatos biográficos. Mas, esse documento não fica simplesmente em uma recopilção, senão que é acrescentado pelos dramaturgos Daniel Arcades e Márcio Marciano para dar forma às ações de Márcia.

Medeia não cresce só com as vozes das favelas e as dos quilombolos, senão que fala desde a construção de um novo sentido de convivência para evidenciar uma reclamação frente à discriminação e criminalização dos presídios.

Discursos apagados, bocas fechadas, procedimentos de força coercitivos, maltrato físico, estupro, sevícia e violência são as linhas que batem sobre a superfície da fisionomia desta Medeia, tanto desde a proposta corporal de Marcia

Lima como a organização do texto que foi se alimentado com ideias das mulheres e dos dramaturgos convidados para o diálogo reflexivo (Daniel Arcades e Márcio Marciano), os quais estavam em diferentes pontos geográficos do Brasil. Incluímos um corpo intertextual que fala como um conjunto polifônico de ruídos que parecem coexistentes sem conexão, mas em uma revisão ampla eles compõem um corpo complexo de significantes e significados que se espalham nas salas onde aconteceu a estreia, assim como na internet, para gerar uma reação nos espectadores. Mas, regressemos ao ponto desses corpos que se abrem e se expandem.

O fato de uma Medeia que se renova e que cresce em cada instante é o que nos leva a pensar em diferentes tempos e espaços poéticos, que giram entre a necessidade de reivindicar a cultura africana e de denunciar os métodos coercitivos dentro dos presídios. Sobre esse ponto especificamente, existe um detalhe da montagem que é o figurino alusivo à bananeira para um ritual Orixá, em mistura com a ideia de ocidentalizá-lo ao estilo cabaré, para finalizar em uma composição musical que relembra a “Strange fruit” de Abel Meeropol, interpretada por Billie Holiday, pois a Medeia se comunica com elementos variados e caóticos. Por isso, a Medeia leva de manifesto as preocupações que Márcia Lima extrai do contexto que analisou com Tania Farias e a voz que canta como um corpo invisível também comparece no centro da atenção da montagem.

E começa aí. E aí tem esse momento do trabalho vocal, que foi um trabalho construído a partir do corpo, como é que o corpo gera ações vocais, entendendo que a voz também é corpo, é um corpo invisível, mas que também pode produzir ações vocais. Então, a gente fez um trabalho de criação de ações vocais. E tanto para isso, quanto para as canções, a gente foi construindo com preparador vocal o que nós entendíamos que era o melhor para o espetáculo. E também trabalhando o aparelho Márcia, para que ele realizasse esses desejos (Faria, 2021, 09.35 a 10.16) (Desmontagem teatral online de 2021).

Medeia pandêmica? Medeia polifônica? Medeia...?

Como indicamos anteriormente, para o ano de 2020, no meio da pandemia da Covid-19, os registros de violência contra corpos de mulheres negras no Brasil aumentaram exponencialmente. Segundo Nilma Gomes (2020) os direitos violados foram evidenciados por denúncias e violações recebidas nas instituições de saúde



e segurança em diferentes regiões do país, principalmente em função de ocorrências envolvendo comunidades afrodescendentes.

Diante desse panorama, podemos inferir que a versão do mito grego de Medeia, nesta versão que dialoga com a história e a cultura afrodescendente, não é apenas alimentado pela vingança por seus filhos, mas é o corpo feminino negro que se rebela contra instituições e padrões de racismo estrutural, uma vez que ações do Estado implicam em ações injustas. Também podemos focar em aspectos importantes da obra como: violência institucional, discriminação baseada na cor da pele e degradação do sistema cultural.

Medeia também é polifônica, pois aparece no palco em decorrência de um trabalho de redação coletiva em um centro de detenção. Márcia Lima desenvolveu uma poética que parte de seu próprio corpo de mulher negra e exacerba o valor das detentas nessa situação, por isso a versão é Polifônica, Múltipla e Pandêmica, por ter diferentes linguagens e aciona o ruído do corpo feminino negro que reivindica seu espaço. Na palestra *Mulheres Negras na Luta contra o Superencarceramento*, com Angela Davis e Conceição Evaristo (2020), apresentada pela Dra. Denise Carrascosa sobre o feminismo negro e os exercícios propostos pelo Coletivo Corpos Indóceis e Mentes Livres²², a precariedade do discurso do corpo é reiterada de diversas formas. A partir da palavra que se ativa e atravessa a linguagem e é justamente isso que Medeia Negra enfatiza, pois libera sentimentos em diferentes direções, tanto para o espectador, quanto para a plateia e para quem o interpreta.

A *Medeia Negra* faz uma leitura sobre o que envolve esse corpo que está aprisionado em uma cela simbólica, mas também denuncia o corpo maltratado e mutilado em todos os sentidos. Nos provoca a traçar uma nova teorização sobre os Corpos Medeiros²³ da seguinte forma: primeiro, os corpos das mulheres negras geram um caos polifônico a partir de sua representação na arte e na literatura, pela força com que foram oprimidas, respondem emocionalmente; a segunda, a

²² COLETIVO CORPOS INDÓCEIS E MENTES LIVRES Organização de Mulheres Negras pela Vida de Pessoas Encarceradas 10 anos - 2010/2020:
<https://www.youtube.com/channel/UCoiY751ThiAZ190fUYbW54g/featured>

²³ Esta é uma categoria que estamos desenvolvendo para mapear as Medeias em diferentes contextos culturais de América Latina e do Caribe.

força das emoções que daí emanam, desmoronam a construção de um pensamento binário, controlador e violento; e como terceiro, é uma proposta que desafia as disciplinas acadêmicas e artísticas, o que permite mapear esses corpos negros em símbolos culturais complexos.

A partir daqui, será importante trazer o exemplo de outras manifestações artísticas que partem do coletivo, conforme menciona Denise Carrascosa na transmissão referida, duas escritoras que são Dona Lindoneta Ferreira e Larissa Fulana de Tal²⁴ que se apresentam nesta coletiva como testemunhas das pressões do corpo na prisão. Dona Lindoneta Ferreira refere-se ao encarceramento das mulheres negras e as consequências que daí advêm, em seu depoimento vê a luta contra o imaginário do desperdício, da humilhação; Larissa Fulana de Tal escreve poesia visual, descreve a prisão como corpos que abrem e fecham sem parar, em condições sanitárias deploráveis, que tem como constante a proibição de visitas e a desumanidade. A violência que esses corpos sofrem gera uma resposta performativa que responde com “intensidade visceral”, esteticamente falando, Larissa Fulana de Tal coleciona histórias em um silêncio avassalador.

Conceição Evaristo nesta palestra aponta incisivamente que as detentas não são mulheres presas e sim mulheres custodiadas, pois na maioria das vezes ainda não estão em processo jurídico claro, indicando que elas “são vozes paralisadas, que servem de exemplo para as comunidades de onde vêm”. Ou seja, ainda transitamos pela práxis histórica da discriminação contra as populações quilombolas e faveladas, onde o Estado se torna opressor. É exatamente aí que o centro de discussão da arte é acionado e entra em sintonia com o caos institucional. Da mesma forma Angela Davis propõe que esses corpos sejam ferramenta por meio da qual as palavras saem da prisão, embora essa proposta seja mais simbólica, ela retoma a ação sobre os enunciados, que nos permitem ver um novo sujeito, com a capacidade para se tornar politicamente ativo.²⁵

²⁴ Larissa Fulana de tal, poema visual “Curta Carta irmãs presas”:
https://www.youtube.com/watch?v=G7XYF53J7sl&feature=emb_title

²⁵ O dia 12 de agosto de 2023, foi lançado o livro de poesia *Firminas em Fuga*, organizada pela Dra. Denise Carrascosa e escrita por poetas encarceradas que pertencem ao Coletivo Corpos Indóceis e Mentres Livres .
<https://www.youtube.com/watch?v=bXjgZaT3kk0&t=198s>



Sem final, Medeia...

Medeia Negra é o texto aberto de Márcia Lima, tão polêmico quanto interessante, pois nos dá ferramentas para mapear esses corpos femininos negros retidos, silenciados e reprimidos em diferentes regiões do Brasil. Mas também abre a possibilidade de discutir esse contexto cultural agressivamente naturalizado e estruturado atrás dos muros da prisão.

Por outro lado, permite-nos construir um novo sujeito negro que pode ser mencionado dentro de seu próprio contexto histórico. Nesse sentido, a Medeia Negra se afasta dos estereótipos de uma mulher que se sacrifica e coloca seu corpo como uma rebelião, com uma voz que define sua corporeidade violenta e contundente. Se procuramos uma episteme do sujeito, esta é uma clara oportunidade onde podemos identificar desde as artes a nova configuração do corpo feminino negro que também grita e canta.

Referencias

BORGES, Roberto. Cinema antirracista do Grupo de Trabalho de CLACSO: Afrodescendencias y propuestas contra-hegemónicas (2020) <https://www.youtube.com/watch?v=4zZ1WNGJDXI&t=17s> Acesso em: 08 ago. 2023.

CAMPOALEGRE, Rosa (org). *Afrodescendencias: debates y desafíos ante nuevas realidades*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2021.

CARRASCOSA, Denise. Direito Humano. In: Thula Pires e Felipe Freitas (Org.). *Vozes do cárcere: ecos da resistência política*. Rio de Janeiro: Kitabu, 2018, p.29-35.

CARRASCOSA, Denise. *Mulheres negras em luta contra o superencarceramento*. 28 jul. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HBTAq7h1SOs&t=2900s> Acesso em: 01 ago. 2023.

CARVALHO, Adelia Aparecida da Silva. Além do Rio – uma Medeia na dramaturgia do teatro negro no Brasil. *Urdimento - Revista de Estudos em Artes Cênicas*, Florianópolis, v. 1, n. 24, p. 006 - 027, 2015. DOI: 10.5965/1414573101242015006. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/1414573101242015006> Acesso em: 11 ago. 2023.

CEPAL (Comisión Económica para América Latina y el Caribe) La pandemia del COVID-19 profundiza la crisis de los cuidados en América Latina y el Caribe. 2020. Consulta en línea: https://repositorio.cepal.org/bitstream/handle/11362/46102/4/S2000673_es.pdf Acesso em: 31 jul. 2023

CÉSAIRE, Aimé. "Et les chiens se taisaient". Paris : Editions Présence Africaine 2000.

CESAIRE, Aimé. Une Tempête:d´ après "La Tempête" de Shakespeare-Adapatation por un théâtre nègre. Paris: Éditions du Seuil, 1980.

FARIAS, Tânia. [#Desmontagem](#) | Medeia Negra. 9 de abr. de 2021. Online in: <https://www.youtube.com/watch?v=lPj5VtV81jE&t=617s> Acesso em: 17 out. 2023.

GEIROLA, Gustavo. Teatro: vida, sentidos y presencialidad: Conjeturas a propósito de la pandemia. *Argus-a Artes y Humanidades/Arts & Humanities*, vol. XI, no. 42, 2021, p. 1-31. <https://www.argus-a.com/publicacion/1607-teatro-vida-sentidos-y-presencialidad-conjeturas-a-proposito> Acesso em: 20 jul. 2023

GOMES, Nilma. El legado de Mandela. Colóquio virtual: 25/11/2020. Online: https://www.youtube.com/watch?v=uOZ9T6vHjHU&feature=emb_title Acesso em: 01 ago. 2023.

GONZALEZ, Lélia. 2020. *Por um Feminismo Afro-Latino-Americano: Ensaios, Intervenções e Diálogos* Rio Janeiro: Zahar.

GRAVES, Robert. *Os mitos gregos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018. Recurso digital

KILOMBA, Grada. *Memorias da Plantação. Episodios de Racismo*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KRISTEVA, Julia. *Poderes de la perversión*. Madrid: Siglo XXI Editores, 1989 (traducción de Nicolás Rosa y Viviana Ackerman).

LIMA, Marcia. [#Desmontagem](#) | Medeia Negra. 9 de abr. de 2021. Online in: <https://www.youtube.com/watch?v=lPj5VtV81jE&t=617s>

LIMA, Marcia. Desmontagem Medeia Negra. 07 dez. 2020. <https://www.youtube.com/watch?app=desktop&v=Ria5gWBJFoY>

LIMA, Marcia. Medeia Negra. 02 jul. 2020. Obra de teatro online <https://www.youtube.com/watch?v=ZbaAHwYdY2w&t=1455s>

MANGIERI, ROCCO. "I CAN´T BREATHE: CONTAGIO, REVUELTA Y ARTIFICACIÓN." Laboratorio de Semiotica, 2020.

MBEMBE, Achille. *Crítica de la razón negra*. Barcelona: NED, ediciones. 2016 p.40.

MBEMBE, Achille. Pandemias racializadas (26/11/2020). Conferencia online: https://www.youtube.com/watch?app=desktop&v=zitCaQXkobU&feature=emb_title

OCORÓ LOANGO, Anny. O racismo e a hegemonia do privilégio epistêmico. *Revista de Filosofia Aurora* [en línea]. 2021, 33(59), 417-434[fecha de Consulta 17 de Octubre de 2023]. Disponible en: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=673373992011>

RIBEIRO, Djamila. *Pequeno manual antirracista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ROCHA, Denise. Um brado feminista contra a “Sevícia, violência, estupro e morte”, em *Medeia Negra* (2018), de Márcio Marciano e Daniel Arcades. In: MARA, Joseane; ARAUJO, Orlando Luiz de; SILVA, Renato Cândido da. *Recepção dos mitos gregos na dramaturgia brasileira*. Catu: Bordô-Grená, 2021.

ZAVALA, Iris M. *Erotismo y terror: el fantasma del texto o cuando los espejos tienen manchas*. Alicante: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2011. Texto en línea: <http://www.cervantesvirtual.com/nd/ark:/59851/bmcmp5m3> Acesso em: 10 jul.2023.

Recebido em: 13/09/2023

Aprovado em: 11/04/2024